A comunicação: dom para a humanidade

Vincenzo Corrado (Agenzia Sir)

"A comunicação é uma conquista mais humana que tecnológica". O papa Francisco parte desta prospectiva essencial para analisar o tema de sua primeira mensagem para o Dia Mundial das comunicações sociais - "Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro " – que a Igreja, na sua 48ª edição, celebrará em 1° de junho de 2014. No texto não faltam temas caros ao Pontífice: da "escandalosa distância entre o luxo dos mais ricos e a miséria dos mais pobres" ao "contraste entre as pessoas que vivem nas calçadas e as luzes brilhantes das lojas", das "múltiplas formas de exclusão, marginalização e pobreza" aos "conflitos em que mesclam causas econômicas, políticas, ideológicas e, infelizmente, também religiosas".

Neste mundo, sublinha o Papa, "os *mass-media* podem ajudar a sentir-nos mais próximos uns dos outros. Uma boa comunicação ajuda-nos a estar mais perto e a conhecer-nos melhor entre nós e a ser mais unidos". Particularmente "a *internet* pode oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos; e isto é uma coisa boa, é um dom de Deus". O Pontífice não ignora "aspectos problemáticos", como por exemplo, o isolamento "do próximo" causado pelo "desejo de conexão digital " ou a exclusão de quem "não tem acesso" aos mídia. "Estes limites - explica – são reais, todavia, não justificam uma rejeição dos mass-media."

A "proximidade" nos mass-media. "Haverá alguma coisa, no ambiente digital, que nos ajuda a crescer em humanidade e na compreensão recíproca?". Por exemplo, responde Francisco, "devemos recuperar um certo sentido de pausa e calma", de "capacidade de fazer silêncio para escutar", de paciência para "entender quem é diferente de nós". Sugestões que remetem às mensagens de Bento XVI dedicadas ao silêncio (em 2012), e à promoção de uma cultura de respeito, diálogo e amizade (em 2009). Mas "como se manifesta a 'proximidade' no uso dos meios de comunicação e no novo ambiente criado pelas tecnologias digitais?", insiste o Pontífice, para o qual "uma resposta" está "na parábola do bom samaritano, que é, também, uma parábola do comunicador. Na realidade, quem comunica faz-se próximo. E o bom samaritano não só se faz próximo, mas cuida do homem que encontra quase morto ao lado da estrada". O Papa define "este poder da comunicação como 'proximidade'".

A rede e as periferias. Hoje, evidencia Francisco, " corremos o risco de que alguns *mass-media* nos condicionem até ao ponto de fazer-nos ignorar o nosso próximo real.

Não basta circular pelas «estradas» digitais, isto é, simplesmente estar conectados: é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro". Para o Papa "não são as estratégias comunicativas

que garantem a beleza, a bondade e a verdade da comunicação". Também porque, "a neutralidade dos mass-media é só aparente: só pode constituir um ponto de referência quem comunica colocando-se a si mesmo em jogo. O envolvimento pessoal é a própria raiz da confiabilidade de um comunicador. É por isso mesmo que o testemunho cristão pode, graças à rede, alcançar as periferias existenciais". E aqui, o Papa Francisco confirma a sua preferência por " uma Igreja acidentada que sai pela estrada" a "uma Igreja doente de autorreferencialidade". E "as estradas", explica, são "as estradas do mundo onde as pessoas vivem: é lá que as podemos, efetiva e afetivamente, alcançar". Entre essas estão, também, "as digitais, congestionadas de humanidade, muitas vezes ferida". Portanto, prossegue o Papa, "abrir as portas das igrejas significa também abri-las no ambiente digital ". Também " no contexto da comunicação, é preciso uma Igreja que consiga levar calor, inflamar o coração".

Óleo perfumado e vinho bom. "O testemunho cristão - afirma o Papa - não se faz com o bombardeio de mensagens religiosas, mas com a vontade de se doar aos outros". Nesse sentido "é preciso saber-se inserir no diálogo com os homens e mulheres de hoje, para compreender os seus anseios, dúvidas, esperanças, e oferecer-lhes o Evangelho, isto é, Jesus Cristo, Deus feito homem, que morreu e ressuscitou para nos libertar do pecado e da morte. O desafio requer profundidade, atenção à vida, sensibilidade espiritual". Daqui o convite a uma comunicação que "seja óleo perfumado para a dor e vinho bom para a alegria": "Não tenhais medo de vos fazerdes cidadãos do ambiente digital. É importante a atenção e a presença da Igreja no mundo da comunicação, para dialogar com o homem de hoje e levá-lo ao encontro com Cristo: uma Igreja companheira de estrada sabe pôr-se a caminho com todos. Neste contexto, conclui o Papa, a revolução nos meios de comunicação e de informação são um grande e apaixonante desafio que requer energias frescas e uma imaginação nova para transmitir aos outros a beleza de Deus".

Com a consciência, porém, de que "a comunicação é uma conquista mais humana que tecnológica".